

- **GRAMÁTICA**

A CONSTRUÇÃO DE DATIVO COM INFINITIVO E SUAS INSTANCIÇÕES NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Natália Sathler Sigiliano (UFJF), Alice Queiroz Frascaroli (UFJF)

Orientador(a): Mario Roberto Lobuglio Zágari (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Este trabalho visa a identificar as diversas instanciações da construção de Dativo com Infinitivo, composta pelo esquema sintático 'para x infinitivo', na Variedade Brasileira do Português. Foram levantados dados junto ao Censo de Variação Lingüística do Programa de Estudos e Usos da Língua e ao Atlas Lingüístico de Minas Gerais, os quais foram analisados e agrupados de acordo com suas características sintáticas e semânticas.

A VERBALIZAÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE TONICIDADE NA PRIMEIRA ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Kelly Priscilla Lôddo Cezar (UEM), Edson Carlos Romualdo (UEM)

Orientador(a): Geiva Carolina Calsa (Universidade Estadual de Maringá)

Embora tenham ocorrido mudanças no sistema educacional nas últimas décadas, o desempenho dos alunos na disciplina de Língua Portuguesa continua sendo motivo de preocupação dos educadores brasileiros. Relatos de alunos, professores e pesquisadores mostram um agravamento do desempenho dos alunos do ensino fundamental e médio nesta disciplina. Estudos revelam falhas na forma como os conteúdos gramaticais vêm sendo abordados em sala de aula, pois na maioria das vezes são ensinados por meio de conceitos incompletos, imprecisos ou incorretos. O baixo desempenho dos alunos em Língua Portuguesa e as novas propostas didáticas mostram a importância de pesquisas sobre a qualidade do ensino de conceitos gramaticais. Entre estes conceitos destacam-se os de tonicidade e acentuação gráfica, geralmente abordados de forma isolada e não contextualizada. Em razão disso, este projeto tem como objetivo investigar a prática pedagógica dos professores do ensino fundamental em relação a esses conteúdos. Para tanto, realizaram-se entrevistas individuais e observações em sala de aula de dois professores - um da 2ª série e outro da 4ª série do ensino fundamental. Os dados parciais referentes às entrevistas com os professores evidenciam que sua maior dificuldade se encontra na conceituação de sílaba tônica e no porquê da acentuação gráfica dos vocábulos.

CARACTERIZAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM DIFERENTES TIPOS TEXTUAIS DO PORTUGUÊS

Jussara da Silva Rodrigues (UNESP), Maria Helena de Moura Neves

Orientador(a): Maria Helena de Moura Neves (UNESP - FCL/Araraquara)

A pesquisa busca categorizar os advérbios segundo a camada de constituição do enunciado em que ocorrem, com consideração da língua em uso. O *cópus* selecionado é dividido nos tipos textuais técnico-científico, oratório e dramático. As diferentes classes de advérbios se distinguiram entre modificadores e não-modificadores, intervindo na análise operações pragmáticas (tipos de atos de fala e fluxo informacional). Obtidos os primeiros resultados, observa-se a maior ocorrência de advérbios nos textos dramáticos, como era esperado, já que esse registro simula fala coloquial, na qual há maior explicitude para absorção da informação. Os resultados mostram, ainda, que os não-modificadores ocorrem em proporção bem maior em todos os casos: 77% nos textos dramáticos e oratórios e 68% nos técnicos. Entre os modificadores, os de intensidade são os mais freqüentes: cerca de 44% nos textos dramáticos e nos técnico-científicos, e 52%, nos oratórios. Quanto aos não-modificadores houve predominância dos circunstanciais (30%), especialmente nos textos dramáticos (47%); muitos desses advérbios têm características de coloquialidade (cá, lá), sendo compreensível sua maior ocorrência nos registros próximos do oral. Os advérbios de verificação, também coloquiais, aparecem predominantemente nos textos dramáticos, assim como os modalizadores, previsíveis na fala cotidiana, menos prováveis na oratória e pouco compatíveis com a escrita técnica. Os delimitadores, apesar da pouca ocorrência, merecem menção, por terem sido predominantemente usados nos textos técnicos, em que as informações se delimitam em domínios rigorosamente especificados. Os juntivos, que estruturam frases mais complexas, caminham no sentido contrário: têm ocorrência maior quanto maior seja a formalidade do registro (nos textos técnicos são 15% dos não-modificadores, enquanto nos textos oratórios esse número se reduz à metade, e nos técnicos não passa de 3%). Esses são resultados iniciais, mas já se pode indicar que a observação do uso dos diferentes subtipos de advérbio contribui para uma categorização de tipos textuais.

GRAMATICALIZAÇÃO DO MARCADOR DISCURSIVO QUER DIZER

Fábio da Silva Fortes (UFJF)

Orientador(a): Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias (Universidade Federal de Juiz de Fora)

O conector QUER DIZER constitui um marcador discursivo oriundo de verbo e está em processo de gramaticalização. De acordo com LICHTENBERK (1993), estudos recentes de sintaxe assinalam para a natureza gradual desse fenômeno. Aplicando o conceito de gramaticalização ao objeto de nossa pesquisa, podemos dizer que a mudança pela qual "quer dizer" passa é igualmente gradual, apresentando, dessa maneira, todas as etapas do processo, conforme estabelecem LEHMANN (1985) e HOPPER & TRAUGOTT (1993).

O presente trabalho é uma amostra parcial dos resultados do projeto de Iniciação Científica: "Articulação de cláusulas: o estatuto sintático, semântico e pragmático da aposição" (PROBIC/FAPEMIG) e investiga o percurso pelo qual "quer dizer" passou, desde seu estágio menos gramaticalizado, quando o volitivo *quer* modalizava o dicendi *dizer*, constituindo duas formas

verbaís plenas (preservados todos os seus traços categoriais); passando, em uma segunda etapa, para a constituição de quer dizer intermediário (como estrutura única, mas ainda de caráter verbal, sendo sinônima de significa); e atingindo seu estágio de maior gramaticalização, com a perda dos traços categoriais de verbo e adquirindo a função textual-discursiva de marcador discursivo. Nosso corpus de análise se constituiu de amostras de fala de inquiridos do PRO-CON/JF, PEUL/RJ e do projeto NURC. Os textos escritos analisados provieram das seções "Em foco" e "Ponto de Vista" da revista VEJA. Para a análise diacrônica utilizamo-nos de parte do corpus de português antigo organizado por TARALLO (1991), publicado pela UNICAMP.

O MARCADOR POR EXEMPLO NOS ENUNCIADOS APOSITIVOS

Rafaela Domingues Costa (UFJF)

Orientador(a): Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias (Universidade Federal de Juiz de Fora)

O marcador discursivo POR EXEMPLO ocorre entre a unidade base e a unidade apositiva, estabelecendo, geralmente, uma relação semântica de "todo-parte". Após a análise de uma maior contingência de dados, colhidos, prioritariamente de amostras de fala de inquiridos do PRO-CON/JF, PEUL/RJ e do projeto NURC e de textos escritos das seções "Em foco" e "Ponto de Vista", da revista VEJA, observamos, também, em menor escala, as relações "geral-específico" e "usual-incomum" entre as unidades apositivas. O marcador estudado pode também focalizar a informação contida em um SN que o anteceda na própria unidade apositiva. Convém, ainda, ressaltar a importância da posição que "por exemplo" assume na unidade apositiva: inicial, quando encabeça a unidade apositiva, e medial, após um sintagma introdutor da posição. Nosso trabalho se alinha à perspectiva teórica funcional/discursiva. Participa do projeto de Iniciação Científica: "Os Enunciados Apositivos" (BIC-UFJF).

O QUASE-FOCALIZADOR "REALMENTE"

Aquiles Tescari Neto (UNESP)

Orientador(a): Marize Mattos Dall'Aglio Hattner (UNESP/Ibilce)

Integrado ao meu projeto de Iniciação Científica: "O advérbio "realmente" no português falado brasileiro e europeu: um estudo funcional", apoiado pela FAPESP (Proc. 03/09333-0), este trabalho estuda o advérbio "realmente" (R) em sentenças do português falado brasileiro (com base no cópús mínimo do NURC) e europeu (cópús do Projeto Português Fundamental), tomando como fundamentação teórica a Gramática Funcional (Dik, 1997). Nesta teoria, a estrutura de oração subjacente é apresentada em camadas de organização semântica e formal. Pelo que nos indicam os resultados até agora obtidos, R pode atuar em mais de uma camada, quer como satélite asseverativo (advérbio afirmativo), quer como marcador de foco. O objetivo da apresentação é propor linhas de comparação entre as duas variedades do português em relação usos de R, ao fornecer uma descrição desse advérbio, além de demonstrar, com base em resultados parciais, que, no interior da sentença, R não atua como advérbio focalizador (como propõem Castilho e Moraes de Castilho, 1992), mas como "quase-focalizador", já que uma operação de focalização prototípica é a que ocorre com advérbios do tipo "exatamente" (E), que

não permitem uma paráfrase com o adjetivo que lhes constitui a base, em sentenças do tipo: "SER + base + que + proposição". Disso decorre que, se E e outros focalizadores, típicos por exercerem apenas essa função, não admitem a co-ocorrência da função de asseverador da proposição, logo R e os demais asseverativos, que admitem ambas as funções, instauram uma quase-focalização e não uma focalização típica, em virtude da semântica de base adjetival que os constitui, que talvez os leve a atuar como asseveradores de sentença mesmo em posições tão distantes da periferia e tão próximas do predicado. A isso soma-se o fato de os focalizadores não poderem ser advérbios predicativos (Lonzi, 1997). R é, por natureza, um advérbio predicativo.

OS ELOS METAFÓRICOS NAS REDES DE CONSTRUÇÕES LEXICAIS: O CASO DO X-ISTA

João Marcos Reis de Faria (UFJF), Paula Zagotta de Oliveira (UFJF)

Orientador(a): Neusa Salim Miranda (UFJF)

Tendo como foco o léxico, nosso trabalho, iniciado em 2004, busca somar à área denominada Morfologia Derivacional, avanços teóricos, de caráter sociocognitivo, capazes de emprestar um novo olhar analítico sobre a produtividade e sobre os processos de formação considerados "mau comportados" nesse campo.

Apoiados na Lingüística Cognitiva, sobretudo na sua vertente Sociocognitivista (FAUCONNIER & TURNER, 1997; SALOMÃO, 1999, 2003; MIRANDA, 1999, 2004; BOTELHO, 2004; CARMO, 2005), elegemos como objeto as formações denominais em -ista (tratorista, cruzadista, cartunista, petista etc.). Tomando como dados construções do PB, partimos de uma tipologia baseada na natureza da agentividade sugerida por tais formas. As postulações acerca das relações sociais, cognitivas e lingüísticas expressas pelas mesmas implicam o conceito de CONSTRUÇÃO (GOLDBERG, 1995; MANDELBLIT, 1997) aplicado ao léxico e revelam o papel crucial dos elos metafóricos (LAKOFF & JOHNSON, 1980; GOLDBERG, 1995) na compressão dos processos de formação lexical do X-ista ditos "irregulares".

PREDICAÇÃO E TRANSITIVIDADE NAS SENTENÇAS DE ALTERNÂNCIA ERGATIVA DE ORDEM VERBO-SUJEITO

Indaiá de Santana Bassani (USP)

Orientador(a): Ana Paula Scher (USP)

As sentenças de Alternância ergativa podem ser estudadas em muitos aspectos: sintáticos e semânticos, entre outros. Neste trabalho venho analisando a sintaxe dessas sentenças tanto em sua ordem SVO-SV, quanto em sua ordem VS. Estas últimas, que mantêm o objeto em sua posição canônica (depois do verbo), chamadas sentenças de ordem VS, trazem uma questão interessante no que cerne à transitividade, requerendo uma análise diferente da que pode ser aplicada às sentenças de ordem SVO ou SV. A questão que se coloca é se as sentenças abaixo podem ser consideradas transitivas:

(1)Quebrou o vaso

(2)Quebrou os vasos

(3)Quebraram todos os vasos.

Para dar conta da transitividade em sentenças como (1), (2) e (3) utilizo a proposta de Bowers(2002), que busca explicar a transitividade nas línguas naturais por meio da postulação de uma categoria funcional Tr. Bowers consegue dar conta uniformemente de muitos fenômenos, mas não atenta para esse tipo de sentença. Juntamente à análise de Bowers, faço uso de propostas que buscam explicar a ordem VS no PB (Kato(1995,2000); Viotti (1995, 2004)) e tento propor uma análise que seja compatível com o tratamento da Transitividade como uma categoria funcional.

A investigação dessas sentenças VS traz respostas a questões interessantes relativas à atribuição de Caso, Concordância, presença ou não de expletivos nulos, de traço D-forte e, finalmente, busco determinar se essas sentenças podem ou não ser consideradas transitivas dentro de uma análise Gerativa.

Contudo, algumas questões permanecem em aberto: a categoria Pr, responsável pela Predicação da sentença, na estruturas de (1) a (3) teria um traço +D-forte ou -D-forte? Já que a existência ou não de movimento do DP pós-verbal para essa posição não implica em diferença visível na ordem da sentença.

Dessa forma, este trabalho aborda todos estes aspectos sintáticos deste tipo de sentença.

SOBRE A INEXISTÊNCIA DE PERGUNTAS ENCAIXADAS INICIADAS POR EXPRESSÃO-WH

Marco Aurélio dos Santos (USP)

Orientador(a): Ana Paula Scher (Universidade de São Paulo/USP)

O objetivo do presente trabalho é rediscutir as sentenças encaixadas iniciadas por expressão-wh e tentar descrever sua estrutura de uma maneira que condiga com sua realidade. Para tanto, serão utilizados pressupostos e análises da Teoria Gerativa concernente ao complexo CP, às interrogativas e às relativas. Levando-se em conta essa teoria, pode-se ver que, de acordo com a análise vigente, a estrutura dessas encaixadas se configura como um CP [+wh]. Assim, o traço [+wh] seria a causa do movimento da expressão-wh, isto é, a satisfação de um critério. Se tal traço existe, então, deveria fazer brotar uma interpretação interrogativa da encaixada. Mas não é o que acontece. Ao que parece, tais sentenças são interpretadas como declarativas, e, portanto, não devem possuir o tal traço positivo. Por que, então, as expressões-wh se movem para SPEC CP se não têm que satisfazer nenhum critério? Sugiro que as expressões-wh seriam complementos do verbo, sob o rótulo DP, e que o resto da frase, sob o rótulo CP, seria complemento desse DP complemento. Ou seja, uma relativa restritiva. Tendo isso em mente, os termos "pergunta encaixada" e "pergunta indireta" parecem estar sendo usados com um sentido que não condiz com essa realidade. Proponho, pois, que apenas o ultimo termo seja mantido, desde que passe a referir-se a perguntas captadas do contexto e que não poderiam emergir diretamente das sentenças declarativas encaixadas. Tal proposta vai partir, portanto, da hipótese de que não existiriam sentenças interrogativas encaixadas do seguinte tipo : "Ele não sabe quem veio", "Ele perguntou quem você viu".

SUJEITO E OBJETO DIRETO: UM ENFOQUE ENUNCIATIVO

Bruna Karla Pereira (UFMG)

Orientador(a): Luiz Francisco Dias (Universidade Federal de Minas Gerais)

Realizamos uma análise do sujeito e do objeto como lugares sintáticos, levando em conta não somente o aspecto orgânico, mas enunciativo, que é constitutivo no processo de significação. Nesse sentido, explicamos como esses lugares se configuram e quais as condições de ocupação. Essas condições dependem dos modos de enunciação, que se manifestam nos diferenciados gêneros textuais, tais como provérbios, chistes e fábulas. Enunciações mais generalizadoras favorecem a não ocupação dos lugares, e enunciações mais especificadoras favorecem a ocupação. Além disso, a lexicalização depende de um domínio discursivo de elementos possíveis de figurar nesses lugares e depende também do percurso enunciativo destes. Assim, analisaremos, em um corpus composto por provérbios, como palavras altamente produtivas atuam semântica e sintaticamente nesses enunciados. Nessa perspectiva, o objeto direto não pode ser entendido como termo que completa (Bechara, 1968), nem delimita (Bechara, 1999) o sentido de um verbo, quando se entende que, em geral, os verbos da língua projetam esse lugar. Por sua vez, o sujeito é um lugar constituído na relação com o plano de enunciável. Assim, não entendemos que o sujeito é aquilo de que se fala ou ser que realiza uma ação (Cunha e Cintra, 1985). O sujeito não é ainda signo léxico que estabelece concordância com o NDP (Perini, 1995), pois a presença de um termo é secundária em relação à configuração de um lugar. Não é, além disso, marcas desinenciais do verbo (Bechara, 1999), porque tais marcas só existem depois de serem acionadas. Ademais, a historicidade desse lugar, segundo Dias (2002), pode ser caracterizada pela ocupação por base lexical definida; por um suporte de ancoragem dêitica e textual; por uma projeção de identidade "alguém que"; ou, finalmente, por um perfil universal "quem" ou "aquele que". Portanto, acreditamos que os lugares de sujeito e objeto são configurados orgânica e enunciativamente.